

# Brasil/Canadá: interações críticas

Sandra Regina Goulart Almeida

O presente trabalho pretende focar de forma breve algumas interseções, estabelecidas ao longo dos últimos anos, entre a crítica literária e cultural canadense e brasileira. Detenho-me, principalmente, na área de literatura anglófona, na qual atuo. Pode-se afirmar que a área de crítica literária e cultural não apenas marcou a origem dos contatos entre o Brasil e o Canadá, mas também tem se caracterizado, sem dúvida, como uma das áreas mais produtivas do intercâmbio dos dois países, tendo originado reflexões e publicações relevantes que pretendem não simplesmente aproximar a realidade comum nas duas culturas, mas também produzir uma reflexão que nos permita avançar nas teorizações que ocorrem em ambos os contextos, bem como estabelecer uma rede de cooperação acadêmica interativa e recíproca.

## 1 – Primeiros contatos

Pode-se afirmar que um dos primeiros contatos nesta área de estudos literários e culturais entre o Brasil e o Canadá ocorreu como vários outros encontros entre o norte e o sul, isto é, por meio de viajantes que aqui chegaram. Essas eram, porém, viajantes com um olhar diferenciado, poetas “tardias” – no sentido do contato da viagem – que vivenciaram a experiência no Brasil como um evento estético e estabeleceram contatos com a literatura produzida nestas terras. Refiro-me a Elizabeth Bishop e P. K. Page, que moraram no Brasil nos anos 50 e 60. Ambas as poetas escreveram sobre suas experiências no Brasil e produziram trabalhos literários e artísticos que refletem o olhar

do estrangeiro em direção ao país e ao povo que as acolheram. Apesar das diferenças nas perspectivas adotadas em cada caso, ambas evocaram em verso e prosa seu amor e paixão pelo país, mas também revelaram, em sua arte, a inevitável ambigüidade do encontro com o outro nesta zona de contato, como nos lembra a crítica canadense Mary Louise Pratt. Bishop nasceu em Massachusetts, Estados Unidos, e foi criada por seus avós em Nova Scotia, Canadá. Veio ao Brasil em 1951, como turista, mas acabou vivendo aqui, morando com Lota de Macedo Soares, em Ouro Preto, Petrópolis e Rio de Janeiro até 1966. Page, por outro lado, viveu no Brasil de 1957 até 1959, acompanhando o marido diplomata em missão no país – uma experiência que ela relata em *Brazilian Journal* como surreal e maravilhosa. Ambas as autoras, antes mesmo de virem para o Brasil, eram poetisas reconhecidas e renomadas na América do Norte, e traduzem, por meio de sua obra, a experiência da viagem e a visão que tem o/a viajante do Brasil. Bishop iniciou um texto – *Brazil* – para um projeto da *Life World Series*, que jamais concluiu. Entretanto, a memória do encontro com o Brasil encontra-se indelevelmente registrada nos “poemas brasileiros”, como são conhecidos, e no controverso prefácio de *Uma vida de menina*, de Helena Morley, que Bishop traduziu. Além dos “poemas brasileiros” que escreveu, traduziu vários autores brasileiros para o inglês – como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, entre outros. Page, por outro lado, publica, em 1987, o *Brazilian Journal*, um livro apresentado em forma de diário, baseado em suas cartas e seu diário íntimo escrito durante sua estada no Brasil. Como Bishop, escreveu também poemas sobre sua experiência no Brasil e pintou uma série de quadros que mostram paisagens e cenas domésticas brasileiras. Em comum, essas escritoras têm a descrição da experiência da viagem, das transferências culturais e, sobretudo, do encontro com o outro, encontro esse permeado por posições ambíguas e paradoxais, como é característico deste tipo de relato.

Os contatos que Bishop e Page, como “viajantes interculturais”, estabelecem no Brasil nos anos 50 e 60 já sinalizam para uma relação entre os dois países, diferente

daquela observada em tantos outros contatos culturais. Apesar de criticarem, em alguns momentos, aspectos da sociedade brasileira, ambas expressam um carinho e respeito especiais pelo país e, de certa forma, agem como precursoras dos contatos que se estabelecerão no futuro entre intelectuais e pesquisadores brasileiros e canadenses: uma relação, como nos diz Zilá Bernd, baseada em princípios de reciprocidade e bilateralidade – noções hoje que são a base das relações internacionais e de cooperação entre países e instituições.

As obras de Bishop e Page sobre o Brasil foram importantes para unir pesquisadores brasileiros e canadenses, como Neil Besner, Michael Happy, Regina Przybycien, Maria Lúcia Martins, Miguel Nenevé, entre tantos outros, principalmente nos anos 90. E é por meio do contato inicial, na área de literatura e estudos culturais, estabelecido por Bishop e Page como viajantes e mediadoras culturais, que gostaria de pensar as relações entre os dois países.

## 2 – Interseções teóricas

O desenvolvimento da área de literatura comparada no Brasil, cujo amadurecimento ocorreu na mesma época – nos fins dos anos 80 e início dos anos 90 –, também contribuiu para que os olhares dos estudiosos brasileiros se voltassem para possibilidades de comparação entre a literatura brasileira e literaturas estrangeiras. Pode-se afirmar que Bishop e Page incentivaram uma aproximação entre o Brasil e o Canadá – a qual já vinha se realizando também na área de literatura quebequense, por meio de professores que atuavam na área de francês, e muito em função da tradição literária brasileira de forte ligação com a francesa. Da mesma forma, como nos lembra Tânia Carvalhal, em 1985, Bernard Andrès questiona a tradição literária do Quebec, que, como a nossa, esteve sempre voltada para a Europa, e argumenta em favor de um ponto de vista comparatista, principalmente ligado a uma experiência latino-americana (2006, p. 57). De acordo com Carvalhal, “Os vinte anos que nos separam de sua publicação só têm feito

comprovar a adequação da perspectiva comparatista sugerida pelo autor e o interesse que há no uso de procedimentos desse tipo entre Brasil e Canadá” (2006, p. 58).

Muitos têm sido os críticos, tanto no Brasil quanto no Canadá, que têm apontado as “coincidências nos trajetos” dos estudos literários e culturais nos dois países. Podemos citar várias vertentes teóricas que circularam e circulam norte/sul e sul/norte e foram objetos de extensivos trabalhos colaborativos nas áreas de humanidades, estudos literários e culturais, como as teorias sobre hibridismo e mestiçagem cultural, os estudos de tradução, as teorias lingüísticas de ensino de língua estrangeira, as questões das alteridades, os processos identitários nas Américas, as teorias do multiculturalismo, o estudo das diásporas contemporâneas, as transferências e as mobilidades culturais, as teorias da comunicação, entre outras áreas. Destaca-se também o trabalho do brasileiro-canadense Sérgio Kokis, discutido tanto por críticos canadenses/quebequenses como por críticos brasileiros, e que faz o movimento inverso daquele efetuado por Bishop e Page; desta vez, no contexto das imigrações contemporâneas e das identidades hifenizadas, fomentando um diálogo por meio de sua escrita diaspórica.

Nesse sentido, um dos pontos mencionados com frequência é o fato de ambos os países apresentarem uma complexa e pluralista rede sócio-cultural, que é resultado dos processos de colonização e de imigração continuada, os quais influenciam na teorização sobre a construção de identidades nacionais – uma temática relevante em ambos os contextos até o presente (Carvalho, 2006, p. 58).

Uma vertente teórica decorrente dessa teorização sobre as identidades culturais e que está fortemente presente nos estudos literários e culturais em ambos os países são os estudos pós-coloniais. O número especial de *Ilha do Desterro*, publicado em 2001 pela Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado *Postcolonial Cultures in Contact: Bras(z)il/Canada(á)*, não só trata a questão do pós-colonialismo sob uma perspectiva comparatista, mas também aborda uma gama de interseções teóricas entre os dois países, através do exercício de um “diálogo genuíno” entre o norte e o sul, como afirma Diana

Brydon. Vale lembrar que esse é, na verdade, o segundo número desse periódico que trata dos estudos canadenses anglófonos – o primeiro, intitulado *Canadian Studies*, fora publicado em 1994, editado por Sigrid Renaux. Nesse número mais recente de *Ilha do Desterro*, tanto Brydon quanto Imre Szeman mencionam a importância de teóricos brasileiros como Oswald de Andrade (antropofagia) e, principalmente, Roberto Schwarz (as idéias fora de lugar), para a teorização contemporânea sobre o pós-colonialismo. Szeman observa, porém, que, apesar das enormes diferenças – históricas, culturais, econômicas, geográficas – entre os dois países, uma comparação ou conexão entre Brasil e Canadá, principalmente na área de estudos pós-coloniais e teoria crítica, traz à tona as circunstâncias históricas e econômicas sob as quais essas nações se formaram (2001, p. 26). Se os estudos críticos literários e culturais no Brasil foram influenciados por teóricos canadenses como Northrop Frye, Linda Hutcheon, Marshall McLuhan, Mary Louise Pratt, Charles Taylor, além de Walter Moser, Gérard Bouchard, Patrick Imbert, Pierre Nepveu, Simon Harel, Régine Robin, entre outros, Szeman discute como a teoria das idéias fora de lugar e do atraso cultural de Schwarz fornecem subsídios importantes para se pensar a condição do Canadá, também um país no qual as idéias estão fora de lugar e que sofre, assim como o Brasil de Schwarz, de certo atraso (*belatedness*) cultural, no sentido temporal, por ter chegado tarde demais à cena histórica. Além de Oswald de Andrade e Roberto Schwarz, podemos citar ainda outros críticos literários e culturais brasileiros que aparecem no cenário acadêmico canadense, como Antônio Cândido, Luiz Costa Lima, Leyla Perrone Moisés, Silviano Santiago. As comparações, nesse caso, como salienta Szeman, propiciam um melhor entendimento sobre ambas as realidades, mesmo resguardando-se as diferenças específicas de cada país (2001, p. 26). Diana Brydon argumenta inclusive que o trabalho teórico colaborativo possibilita que ações de interesse comum, articuladas conjuntamente, possam ser defendidas e executadas (2001, p. 81) – sendo inclusive uma estratégia de empoderamento. Nas palavras de Diana Brydon,

Canadian workers in the humanities need to collaborate across traditionally constituted institutional boundaries, with our colleagues in Brazil and with our colleagues in the social sciences, to ensure our voices are heard (2001, p. 81).

### 3 – (Des)Articulações contemporâneas

Se, por um lado, os estudos canadenses no Brasil e os estudos comparados Brasil/Canadá, na perspectiva teórico-crítica, nunca foram tão profícuos, por outro, nos deparamos com um cenário desolador. Não poderia deixar de mencionar o meu desconforto com as novas tendências e prioridades no fomento governamental para os estudos canadenses. Deixar de priorizar uma área que foi o berço dos estudos canadenses no Brasil, assim como em outros países, e que teve um papel tão relevante nas aproximações teóricas e institucionais entre os dois países, tem um efeito profundo na área. Não que essa área tão importante para o contato entre os dois países deixe de existir, pois acredito que seja forte o suficiente para continuar sua trajetória de parcerias simétricas e bilaterais, mas, sem dúvida, tal ação diminui o entusiasmo, não pela pesquisa, mas pelas ligações institucionais hoje consolidadas pelo trabalho de vários pesquisadores. Se a medida afeta pouco nossas interações críticas, literárias e culturais em nossos papéis como pesquisadores, ela atinge diretamente o componente institucional das parcerias, no funcionamento e criação dos centros de estudos canadenses e no futuro da ABECAN. Como afirma Zilá Bernd, ao descrever o belo projeto sobre Transculturalismos no Canadá, do qual participaram vários pesquisadores brasileiros e que é mais um exemplo da intensa aproximação teórica entre os dois países:

Nós, os canadianistas de hoje, não nos sentimos como promotores do Canadá, mas como observadores privilegiados e críticos atentos, como viajantes transculturais prestes a atravessar as culturas em seus mais diferentes sentidos (2005, p. 153).

Acredito que seja como “viajantes interculturais” ou “transculturais” – assim como Bishop e Page – que devemos

nos colocar diante do presente cenário: como viajantes sempre críticos dos processos hegemônicos de construção de saberes, sempre abertos a novas possibilidades de parcerias que beneficiem mutuamente nossos países e sempre dispostos a participar em trabalhos colaborativos que possam fortalecer as demandas comuns, fazendo com que nossas vozes, mesmo que dissonantes do contexto político, sejam ouvidas, como gostaria Diana Brydon.

## Referências

- BERND, Zilá. Estudos canadenses e transculturalismos. In: ALMEIDA, Sandra (Org.). *Perspectivas transnacionais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005. p. 145-154.
- BRYDON, Diana. Global designs, postcolonial critiques: rethinking Canada in dialogue with diaspora. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 40, p. 61-84, jan.-jun. 2001.
- CARVALHAL, Tânia. Trajetos paralelos das literaturas brasileira e canadense: uma perspectiva comparatista. In: HANCIAU, Nubia (Org.). *Brasil/Canadá: visões, paisagens e perspectivas do Ártico ao Antártico*. Rio Grande: FURG, p. 55-63, 2006.
- SZEMAN, Imre. Literature on the periphery of capitalism: Brazilian theory, Canadian culture. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 40, p. 25-42, jan.-jun. 2001.

